

INSTITUTO CENTENÁRIO

Odilon Nogueira de MATOS

A fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro na época da Regência (1838) fez iniciar uma nova fase para os estudos históricos no Brasil, não só pelo que realizou a veneranda instituição do Rio de Janeiro, como, também, por ter estimulado a criação de entidades similares em outras regiões do Brasil. Não há capital ou mesmo cidade de certa importância, que não tenha seu Instituto Histórico e Geográfico, quase sempre mais "histórico" que "geográfico" e não raro apenas "histórico".

A questão de nome não deixa de ser curiosa. O próprio Instituto Brasileiro foi fundado com o nome de "Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil". Só depois de muitos anos abandonou o "Etnográfico" e tornou-se apenas "Instituto Histórico e Geográfico", nome que se mantém em quase todas as entidades dessa natureza. Cremos que apenas o do Paraná mantém o "Etnográfico" no nome. O da Bahia preferiu inverter a fórmula e chama-se "Geográfico e Histórico" em vez de "Histórico e Geográfico". Caso mais curioso é o de Pernambuco, o mais antigo do país, fora o "Brasileiro". Foi fundado com o nome de "Instituto Arqueológico e Geográfico". Não tinha "Histórico" no nome, apesar de só se dedicar à História. Muitos anos levaram os pernambucanos para a correção do nome, chamando-se atualmente "Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico". Como se vê, continua a prioridade da Arqueologia. Caso igualmente curioso é o instituto cearense, que se chama simplesmente "Instituto do Ceará", sem especificar qualquer especialidade.

Muitos desses institutos estaduais foram fundados ainda no tempo do Império, como os de Pernambuco, Alagoas e Ceará, os mais antigos, ainda em atividade. Dizemos "em atividade", porque a prioridade, no caso, cabe ao Rio Grande do Sul, mas a entidade ali fundada não teve continuidade. O que atualmente existe no estado sulino é de data bem mais recente. Vários deles foram fundados no primeiro decênio da República, entre eles o de São Paulo, que vê transcorrer neste ano de 1994 o seu centenário.

Um século de trabalhos ininterruptos pela cultura histórica do Brasil e, particularmente, de São Paulo. A sua revista, com quase noventa volumes

publicados, encerra copioso e inestimável material sobre o passado brasileiro e paulista. Compreendendo sua importância como elemento também de educação cívica, tomou a cargo o Instituto a solenização de algumas das nossas grandes efemérides, como o terceiro centenário da morte de Anchieta (1897), o quarto centenário do descobrimento do Brasil (1900), os bicentenários de Pedro Taques e Frei Gaspar, os dois grandes historiadores do passado paulista (1914 e 1915), o centenário da Independência (1922), o quarto centenário da colonização do Brasil (com as comemorações vicentinas de 1932), o terceiro centenário da aclamação de Amador Bueno (1941), o quarto centenário da cidade de São Paulo (1954), o bicentenário de Feijó (1984), os centenários da Abolição (1988) e da República (1989) e agora, neste ano, seu próprio centenário. Cada uma desses ocorrências propiciou a publicação de números especiais de sua revista ou de partes dela.

Um dos últimos números de sua revista (88) foi todo consagrado ao histórico do Instituto, com significativas contribuições de Hernani Donato (atual presidente), que tratou de São Paulo no ano em que se fundou o Instituto; de Roberto Machado Carvalho, sobre a fundação propriamente dita e os primeiros tempos da instituição; de Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci, que tratou de Prudente de Moraes, primeiro presidente honorário do Instituto; de Duílio Crispim Farina, que evocou os fundadores e de Odilon Nogueira de Matos, que ressaltou a contribuição de Afonso de Taunay para a instituição; e outros, como Lauro Ribeiro Escobar, Reginaldo de Moreira Miranda, Célio Debes, Ricardo Román Blanco, Antônio Roberto de Paula Leite, Délio Freire dos Santos e José da Veiga Oliveira, que trataram de diversas atividades peculiares ao Instituto, como as condecorações, os arquivos, a revista, a paleografia, a literatura, as artes plásticas e a música.

Com muita propriedade, lembrou Roberto Machado Carvalho, em um de seus artigos, o quanto, na história de São Paulo, o ano de 1894 "assume características muito especiais, pois acompanhando o ritmo da transformação material da cidade, provocado pelo surto industrial, diversas instituições culturais e educativas foram implantadas naquele ano". E lembra nosso confrade a Escola Politécnica, o Museu Paulista, o Ginásio do Estado, a Escola Normal da Praça República e - "the last but not ther least" - o Instituto Histórico e Geográfico.

Os idealizadores da Instituição foram o médico Domingos Jaguaribe Filho, o engenheiro Antônio de Toledo Pisa e o advogado e jornalista Estevão Leão Bourroul. Ao convite para a reunião preliminar de fundação atenderam mais de 60 personalidades de destaque na vida cultural da pequenina São Paulo daquela época. Outros aderiram depois, resultando o total de 139 sócios considerados "fundadores". Constituiu-se a primeira diretoria com Cesário Mota Júnior (presidente), Duarte de Azevedo (vice-presidente), Carlos Reis e Garcia Redonda (secretários) e Domingos Jaguaribe (tesoureiro).

Um dos objetivos da entidade, ressaltado já na própria sessão de fundação, consistia na publicação de uma revista, a sair pelo menos uma vez por ano e na qual fossem divulgados os trabalhos apresentados às sessões e "julgados úteis e interessantes", além do relatório da vida da associação. E já no ano seguinte (1895) saía o primeiro fascículo do volume primeiro, seguido, logo depois (1896) pelo segundo fascículo. A partir de então, volumes sempre anuais assinalaram o curso da publicação, que adquiriu expressivo renome em todo o país, saudado mesmo com muito entusiasmo pelos maiores cultores de nossa história. Nem sempre foi possível manter-se, com rigor, a periodicidade anual. Tanto que, em vez dos cem volumes com que já deveria contar neste ano do centenário, ainda não alcançou o número 90. Mas, não importa. Significativo é constatar a importância dessa publicação e sua boa aceitação em todo o país.

Para a comemoração do centenário, o ano todo de 1994 foi consagrado aos mais variados eventos: conferências, cursos, exposições assinalaram o calendário da instituição, desde o 25 de janeiro (data tradicional de inauguração do ano social) até 1º novembro (a data real do centenário). Não houve uma quarta-feira sequer (dia habitual das sessões) que não fosse marcada por alguma atividade especial.

É pena que não tenha sido possível a programação de algum número especial da revista ou de qualquer outra publicação que, de maneira permanente, marcasse a efeméride centenária, isto, naturalmente, sem prejuízo do que foi realizado e sem demérito para o seu valor. Talvez ainda venha a ser feito, é o que todos esperamos. Porque a verdade é que as atividades que geralmente se programam em ocasiões semelhantes (cursos, conferências, etc.) são passageiras, no dia seguinte ninguém mais se lembrando delas. Enquanto que as publicações ficam.

Tenho em mente a maneira como o Instituto Histórico Brasileiro (nossa "cellula mater") comemorou seu centenário, em 1938. Não só promoveu um grandioso Congresso de História (aliás, o quarto realizado pelo Instituto), cujos "Anais" deram dez alentados volumes, totalizando quase seis mil páginas, que constituem riquíssimo manancial para os estudos históricos brasileiros, como, ainda, ligou o nome do Instituto a uma das maiores realizações editoriais levadas a efeito no Brasil, qual a primeira publicação, em nossa língua, da **Viagem ao Brasil**, a grande obra dos naturalistas bávaros Spix e Martius, em três volumes e mais um álbum de estampas.

Honra-nos sobremaneira a circunstância de sermos uns dos mais antigos membros do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. A ele, fomos admitidos em sessão de 5 de setembro de 1945, portanto, há quase 50 anos. Conosco, na mesma sessão, foram empossados, também, o geógrafo José Ribeiro de Araújo Filho, infelizmente há pouco falecido, e o historiador de Tietê, Benedito Pires de Campos, felizmente ainda na ativa, honrando seus noventa e tantos "janeiros". Por

outro lado, esta publicação sempre gozou de excelente receptividade no sodalicio da rua Benjamin Constant; quase todos os que o freqüentam recebem-na regularmente, alguns desde o número inicial. Mais ainda: em duas ocasiões valemo-nos da revista do Instituto para o enriquecimento de nossa *Notícia*. Ainda há pouco, reproduzimos na íntegra, apenas com uma introdução nossa, precioso relato de uma viagem a São Paulo no ano de 1813, de autoria do sueco Gustavo Beyer, publicado originalmente num dos primeiros números da revista do Instituto. E antes, já havíamos respigado ao longo dessa publicação os relatos de viajantes estrangeiros nela divulgados.

Por tudo isso, vinculados como nos sentimos ao Instituto, inclusive integrando a sua diretoria, não podíamos deixar de homenageá-lo com esta modesta nota de abertura do derradeiro número de 1994, o "ano do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo".